

História daquele que se fez mudo para obedecer a sua dama e afinal a desposou

Charles Sorel

Vivia na corte del-rei Francisco I um jovem fidalgo, ornado de várias perfeições, chamado o Senhor de Beauregard, que se encontrou nas guerras de Itália, onde deu mostras de muito valor. Quando o seu rei foi preso diante de Pavia, ele, por honra insigne, em vez de tornar à França, permaneceu em Turim, onde adquirira tantas amizades que foi tão bem-visto por toda parte como se fora do país.

O que principalmente o detinha naquela cidade era a beleza de Aurélia, viúva de um gentil-homem piemontês, por quem perdidamente se enamorara. Não deixava de lhe fazer frequentes visitas e de apresentar-lhe o ardor da sua afeição; ela, porém, tinha tão má opinião acerca do carácter dos franceses que julgava não haver neles fidelidade nem constância, e custava-lhe resolver-se a escolher um dentre eles para amante ou marido. Não lhe desagradava Beauregard no que dizia respeito ao exterior da sua pessoa, sendo homem belo e de boa aparência; confessaria até que o preferia a qualquer outro se fosse forçada a escolher, mas por prudência continha a sua inclinação e não lhe testemunhava senão frieza e severidade.

A Beauregard desgosta ver tão mal-empregados os seus serviços, e daí concebe tal desgosto que em todas as companhias em que se encontra não pode furtar-se a falar mal das mulheres da região e censurar-lhes a índole áspera, incivil e ingrata, dando a entender que deseja atacar principalmente Aurélia, e que o seu amor está prestes a mudar-se em furor se não logra curá-lo pelo desdém. Entretanto continua a arder por aquela dama, e, quando alcança aproximar-se dela, reitera-lhe as mesmas súplicas.

Ela, porém, advertida da insolência de seus desabafos, trata-o com mais rudeza que nunca, e redu-lo a estranhos excessos até fazê-lo compreender o motivo desse redobramento de rigor.

Para pôr-lhe termo, de repente o fidalgo muda de linguagem em todas as conversações em que toma parte, e acha meio de, estando com Aurélia a sós, pedir-lhe perdão pelo que se passou; chora, suspira, ajoelha-se-lhe aos pés, e faz-lhe tantos belos protestos que outra qualquer mulher tivera sido por eles vencida. Obteve pelo menos não ver inteiramente repelidas a sua requesta e as suas instâncias, mas a dama disse-lhe que, como concebera a seu respeito uma opinião desfavorável, pelo vício natural que atribuía à nação dele e pelo seu recente proceder, – se queria vê-la mudar de pensamento e, um dia, ser levada a tratá-lo melhor que no passado, não podia dar-lhe provas demasiado grandes de constância e de obediência; e, visto haver ele pecado sobretudo pela língua,

queria castigá-lo por aquela parte e desejava que passasse ele um ano sem falar.

Considerou Beauregard que, se a afeição dela só dependia de tal condição, não convinha desobedecer-lhe. Por isso limitou-se a dizer:

– Como últimas palavras que hei de vos dirigir, declaro que nunca mais falarei sem que mo ordeneis.

Nisto fez-lhe uma grande reverência e retirou-se.

Chegado a casa, como fosse muito tarde, deitou-se sem nada dizer a ninguém, e no dia seguinte, depois de levantar-se, tudo quanto ordenava a seus criados era por meio de sinais. Julgavam estes, a princípio, que ele obrava desta maneira por gravidade ou alguma melancolia que lhe vedasse a fala; mas, observando que a um dos amigos que viera ter com ele, e procurara fazê-lo falar, tampouco lhe respondia, consideraram que houvesse emudecido de veras. O tal amigo comparte-lhes o espanto, e pergunta como aconteceu aquilo, mas, como eles nada soubessem responder, perguntou-o também a Beauregard, o qual dava mostras de compreender quanto se lhe dizia, faltando-lhe apenas o dom da palavra. Deu a entender que tal acidente lhe ocorrera em consequência de súbito mal-estar, o que muito maravilhou o amigo, que foi contar o caso a muitos conhecidos do fidalgo francês, de sorte que decorreram quatro ou cinco dias sem que se lhe desenhasse o quarto, e só a custo encontrou ele gestos e ademanes para atender a tantos visitantes.

Entre os que o viram, vários havia que frequentavam a casa de Aurélia, e puderam dar-lhe essa notícia, que a deixou surpreendida, posto que de uma surpresa diferente da dos outros, porquanto não imaginava que o seu namorado fosse fazer o que lhe mandara, e só lhe falara naquilo para ver se o despedia. Nem por isso declarou saber o motivo daquela mudez, e a respeito dele guardou reserva.

Entretanto Beauregard não perdeu nem o seu amor nem o desejo de lhe ver a linda causa, deixando transparecer que não tinha outra doença a não ser a falta da palavra.

Foi visitar a sua cruel dama e deu-lhe a entender que, se lhe era proibido falar-lhe, a ela ou a qualquer outra pessoa, devia ela ao menos tolerar que lhe declarasse por sinais o excesso da sua paixão. E então fingia que atirava um arco perto de seus olhos; tocava o lugar do seu coração; passava os dedos uns sobre outros como se desse um nó, e depois erguia as mãos ao alto soprando com a boca tudo isso para mostrar-lhe que tinha o coração ferido das flechas dos seus olhos, que se encontrava fortemente atado, e que ardia das suas chamas. Representava, depois, várias cenas, e torturas que sentia, para lhe inspirar compaixão, porém a dama não achou graça àquela farsa e disse que Beauregard devia sofrer em segredo e longe dela, e que desejava vê-lo demonstrar a sua constância noutro lugar que não Turim, especialmente na corte de seu rei, onde, tendo ele muito do hábito da conversação, melhor se veria se era capaz de abster-se de falar. Deu-lhe a entender o fidalgo que estava disposto a obedecer a mais essa ordem, e, uma vez que ela lhe proibia que a

visse, pouco lhe importava o lugar para onde havia de retirar-se durante o tempo da sua penitência.

Tornou, pois, à corte del-rei Francisco, que à altura se libertara dos espanhóis. Muito se admirou este príncipe, quando Beauregard foi a saudá-lo, de o saber emudecido de um dia para outro sem nenhum mal aparente. Tocado o coração pela memória de suas boas acções e pela pena de ver tão aflito um belo e jovem fidalgo, ordenou aos seus médicos e cirurgiões que se consultassem para saber o motivo da perda que sofrera e prescrever-lhe os remédios mais convenientes.

Alguns dos convocados foram de um parecer, e outros de outro, acerca daquela doença; uns diziam que os órgãos estavam inteiramente estragados, outros que se encontravam apenas impedidos de funcionar; quanto aos remédios, uns ordenavam cautérios em várias partes do corpo, outros sangrias, sem que se pudessem facilmente pôr de acordo.

Diga-se que Beauregard de modo algum se prestava a deixar-lhes aplicar as receitas. A maioria ficou satisfeitiíssima de não ter de comprometer-se num caso que não oferecia saída honrosa. Assim, os alquimistas, os empíricos e todos os charlatães que nisto ouviram falar tiveram a audácia de se adiantarem para exhibir vãs promessas e provas de seus segredos, na falta dos médicos comuns, que o haviam desamparado, tanto mais excitados quanto el-rei prometera boa recompensa a quem lhe restituísse a palavra.

Mas entre as pessoas que prometiam curá-lo com mais certeza teve-se notícia de uma dama estrangeira, chegada à corte havia pouco, e em quem se confiava mais, por ser de boa condição e não parecer movida da esperança de lucro mercenário. Tendo-o sabido, mandou el-rei chamá-la e, em presença de Beauregard, perguntou-lhe se insistia nas suas promessas. Respondeu ela que não podia deixar de sustentá-las e cumpri-las, e que lhe bastava uma única palavra para tornar aquele fidalgo capaz de bem falar pelo resto da vida, contanto que se lhe permitisse proferir tal palavra baixinho ao ouvido dele. Vários escrupulosos que lá estavam concluíram servir-se

ela de magia, o que era defeso; el-rei, porém, que tinha boa opinião a respeito de tudo o que vinha do belo sexo, sendo ele mesmo de compleição mui amorosa e incapaz de imaginar pudesse tão bela dama ser origem de qualquer malefício, convidou-a a pronunciar a tal palavra sem receio, ajuntando que a garantiria contra toda a espécie de calúnia. Então ela se limitou a dizer a Beauregard:

– Falai!

Este, havendo reconhecido nela a Aurélia cujas leis com tamanho respeito observava, abriu imediatamente a boca para dizer a el-rei:

– Sire, mui humildes graças dou a Vossa Majestade pelo extremo cuidado que teve com a minha cura. Há de também permitir-me Vossa Majestade agradecer a esta bela dama ter cessado de ser cruel para comigo, e ter-me restituído a palavra, de que me privara.

Extremamente satisfeito ficou el-rei ao ouvir aquilo, e quis saber todo o segredo do caso.

Contou-o Beauregard da maneira mais agradável, e Aurélia confirmou a maior parte do que ele dizia. Maravilhados ficaram todos de tamanha obediência para com uma amante, mas el-rei disse que, para curar Beauregard do seu mal mais grave, cumpria recebesse ele a recompensa de seu amor e desposasse aquela a quem tão bem servira. Aurélia não resistiu muito, porque já ouvira dizer quão grande crédito Beauregard tinha na corte, e, arrependida dos maus-tratos a que o submetera e do silêncio que lhe impusera, viera à França, sob cor de visitar alguns parentes, e resolvera pôr-lhe fim àquele ano de provação com um acolhimento favorável. Foram, pois, casados com grande satisfação de uma e outra parte, e Aurélia não mais temeu a inconstância de um homem de quem experimentara a constância.

Tradução de Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda

Retirado de “Os Cem Melhores Contos de Humor da Literatura Universal”, selecção, introdução, tradução e notas Flávio Moreira da Costa. Edição Ediouro.

Leia mais contos na secção Biblioteca do Esquerda.net